

Mulher – Uma Abordagem Totalizante

Kelly Borges Barbi

Nildo Viana, sociólogo, é o organizador da obra intitulada: “A Questão da Mulher – Opressão, Trabalho e Violência”, composta por artigos que abordam o tema da mulher na sociedade moderna. Para isso, conta com as participações de Maria Angélica Peixoto, Mestra em Sociologia; Veralúcia Pinheiro, Doutora em Educação e Edmilson Marques, mestre em História. Para os autores, as temáticas relacionadas à questão da mulher devem ser analisadas sob o ponto de vista da totalidade social e das relações sociais decorrentes dessas interações de forma a não reduzir o debate à mera oposição homem *versus* mulher.

O livro é escrito à luz da teoria marxista. Assim, os argumentos são sustentados pelos estudos de Marx principalmente a respeito da dicotomia entre capital e trabalho, nas formas de opressão e dominação e na divisão de classes sociais, fator maior da causa das desigualdades sociais, neste caso em específico, de gênero. É notória a articulação de teorias realizada por Viana entre o marxismo, feminismo e o pós-estruturalismo para melhor subsidiar o debate acadêmico suscitado pela obra. Seu percurso é iniciado por uma análise dialética, no sentido de contextualizar a questão da mulher e seus determinantes, com esclarecimentos da utilização e dos atuais significados dos termos ideologia e gênero, trata das dificuldades das mulheres para a inserção no mercado de trabalho, na política e a construção do estereótipo feminino nos meios de comunicação.

O movimento operário feminino e suas lutas trabalhistas são igualmente desenvolvidos, não deixando de serem ressaltados aspectos da sua atuação em meio capitalista e a sua lide com as diversas formas de violência.

Os dois primeiros artigos são da autoria de Nildo Viana. O primeiro tem por objetivo resgatar a idéia de que o problema da mulher não pertence somente a ela, mas também ao homem. Para explicar tal raciocínio, o autor se fundamenta na dialética marxista. Para defender suas considerações parte do pressuposto de que a mulher agindo individualmente não é suficiente para unificar o conjunto de mulheres, uma vez que estão distribuídas em diferentes classes sociais, culturas, profissões, regiões, etc.

O motivo de unificação não está presente no confronto social estabelecido com os homens, tampouco na “guerra dos sexos”, e sim na condição feminina, representada pelas suas características físicas e históricas. A gravidez, a menstruação, a menopausa e todas as conseqüências que tais acontecimentos geram, são fatores unificantes deste grupo e, ao mesmo tempo, de uma consciência social que passa a reproduzir comportamentos a partir dessa visão construída. Para ele, essa condição não é estática, vem acompanhada de alterações no contexto social e nos períodos históricos. Por fim, associa as sociedades classistas e a dominação do homem como um conjunto facilitador e dinamizador da opressão e repressão femininas.

O segundo artigo aponta a discussão atual sobre gênero e ideologia e os seus usos neste cenário. Sua acepção sobre o conceito de ideologia segue o da teoria marxista, que aborda a ideologia como a sistematização da falsa consciência, que critica a possibilidade de uma categoria (a) ser analisada sem o seu inter-relacionamento com o todo. Neste caso, a análise de gênero dissociada das relações sociais. A categoria gênero, extensamente mais trabalhada, assume uma visão relacional, apresentando homens e mulheres em pé de igualdade, propondo que o estudo dessas categorias seja

feito conjuntamente.

Estrutura sua linha de raciocínio a partir de um diálogo com Joan Scott, historiadora, a partir do artigo intitulado “Gênero: Uma Categoria Útil de Análise Histórica” que defende o gênero como uma das formas primárias de poder; com o livro “A Dominação Masculina” de Pierre Bourdieu, sociólogo, que defende categoricamente uma sociedade dividida entre homens e mulheres; e com as feministas clássicas, Betty Friedan, Kate Millet e Germaine Greer, precursoras do uso da categoria gênero.

O terceiro artigo, de Edmilson Marques, busca traçar as perspectivas da mulher a partir de um levantamento de suas conquistas desde o ano de 1950, a partir das categorias trabalho, política e comunicação. A independência financeira como um símbolo da concretização de um sonho, consolidada, sobretudo para atingir sua liberdade e autonomia. A casa, o casamento e os filhos continuam na pauta do dia, porém, não mais como únicas funções desempenhadas por ela. Transformações ocorreram e ocorrem, contudo, o autor deixa claro que o tradicionalismo e o conservadorismo mantêm-se presentes nas relações familiares. Faz um estudo do mercado de trabalho em consonância com o marxismo, que aponta o capitalismo como principal responsável pelo trabalho alienado, pela exploração dos assalariados e, acima de tudo, pela corrida em direção ao consumo exacerbado.

Marques dedica um dos títulos de seu artigo à análise dos partidos políticos. Não aborda a questão específica da mulher na política, caracterizando, assim, um estudo da recente situação dos partidos políticos pautado na diferença de atitudes e pensamentos entre as classes burguesa e proletária. Por fim, faz uma referência à mulher na sociedade contemporânea. Afirma que essa constante necessidade de comprovar, por meio científico, a inferioridade da mulher perante o homem em determinadas tarefas é característica da sociedade de classes. Desta maneira, o autor confere ao capitalismo e às conseqüências decorrentes dele o fato da mulher conseguir estar inserida no mercado de trabalho, ter se tornado objeto sexual e ter maior potencial consumidor.

O quarto artigo, de Maria Angélica Peixoto, trata do movimento operário e das lutas femininas. Ela tem como pré-requisito para discussão a Revolução Industrial, tida como marco histórico na formação da classe operária. A questão da mulher entra em cena quando é feita uma análise desde a sociedade feudal até a contemporânea para corroborar sua subordinação constante nos planos político, profissional e cultural. A partir daí, a autora se detém à reconstituição do marco de desenvolvimento da consciência feminina, cujo fato é conjugado à gênese do feminismo. Há duas explicações para a opressão sofrida pelas mulheres. A primeira vertente, defendida pelo movimento operário, é baseada na dominação de classe, e sugere o fim dela. Mas para isso, deve-se pôr fim ao capitalismo e instaurar o socialismo. A segunda, colocada pelo feminismo, culpabiliza a dominação sofrida pelo homem. Propõe a transformação estrutural da sociedade para que essas relações possam ser revistas. A autora dá indicações de sua posição, deixando claro, no entanto, a despeito de posições políticas ou teóricas, que, a convergência dessas duas concepções beneficiaria a discussão.

Viana retoma a discussão do trabalho feminino sob o capitalismo no quinto artigo. Elegeu o trabalho feminino não-assalariado, o assalariado e as lutas sociais como categorias de análise do seu título. A primeira tem como representante a “dona-de-casa”, ou melhor, a mulher – em sua maioria mães - que trabalha no lar para o lar. A segunda conta com a visibilidade dela no trabalho fora de casa, realidade não suficiente, segundo Viana, para apagar a sombra da caracterização do “doméstico”. A última categoria ressalta itens anteriormente elencados por Peixoto, porém, desta vez, de uma forma mais intensa.

O último artigo da obra, escrito por Veralúcia Pinheiro, traz à tona a reflexão

sobre os limites da opressão enfrentada pela mulher, na medida em que a violência sofrida por ela e suas formas de convivência, juntas, representam um dos braços da questão opressão. É apresentado aos leitores diverso ponto de vista de pesquisadores que atualmente estão envolvidos em torno desta problemática. Em adição, a autora insere momentos considerados relevantes da história do Brasil reiterando a importância desses fatos, socialmente construídos para um entendimento da totalidade que deve ser analisada de forma concreta, e não fragmentada.

Os autores destacam a opressão, o trabalho e a violência como os três principais eixos de análise para o entendimento do que seja a questão da mulher. Debruçam seus argumentos em um constante diálogo com a teoria marxista. A univocidade, porém, não é suficiente para rotular tal obra: a interface com outras teorias e autores é uma característica presente em todo o caminho estabelecido, desde o início até o fim. A forma e a postura com que o livro é escrito propõe aos pesquisadores e estudiosos da área uma nova postura frente à mulher. Para isso, torna-se significativa a apreensão do contexto de transformação e da ampliação do debate atual sobre gênero.

Referência Bibliográfica

MARQUES, Edmilson; PEIXOTO, Maria Angélica; (org.) VIANA, Nildo e PINHEIRO, Veralucia. *A Questão da Mulher – Opressão, Trabalho e Violência*. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda. 2006. 155 pp. ISBN: 85-7393-491-3.

Kelly Borges Barbi

Departamento de Serviço Social da Universidade de Brasília, UnB, Brasil.